



METAMORFOSES

FILOMENA VASCONCELOS

METAMORFOSES

FILOMENA VASCONCELOS

FICHA TÉCNICA

Título: Metamorfoses

Autora: Filomena Vasconcelos (texto e quadros)

Apresentação: João Leite

Textos: Pedro Sampaio; Maria João Pires; Isabel Pereira Leite; Maria Luísa Malato

Editor: Universidade do Porto. Faculdade de Letras. Biblioteca Digital

Local e data de edição: Porto, 2021

ISBN: 978-989-8969-91-0

DOI: <https://doi.org/10.21747/978-989-8969-91-0/meta>

URL: <https://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id022id1760&sum=sim>

Capa: “Metamorfose I”, de Filomena Vasconcelos



SUMÁRIO

Apresentação	5
Metamorfoses	7
Metamorfoses: quadros de Filomena Vasconcelos	11
Metamorfose I	13
Metamorfose II	15
Seven Nation Army	17
Mater	19
Heteronímia	21
Cobiça	23
I Wanna Know Your Name	25
Estar Só É Estar No Íntimo Do Mundo	27
Mulher Vitral	29
Seven Faces	31
Rosto/Otsor	33
Florbela	35
Gossip	37
Alquimia	39
In – Versus	41
Crowd	43
À Espera	45
Japoneira	47
O Beijo	49
Cup Of Flowers	51
“Metamorfoses” – uma Exposição Meta Formosa!	53
Um pouco sobre as “Metamorfoses” de Filomena Vasconcelos ou A arte de pintar a literatura ou ler a pintura	55
“I’m nobody! Who are you?”	57
Sob o signo de Proteu	69
Cartaz da Exposição	73

APRESENTAÇÃO

A obra que agora se publica na Biblioteca Digital da FLUP resulta de múltiplas metamorfoses.

Outra coisa não diz o título escolhido, já que o que aqui é apresentado é um exercício contínuo de transformação, de transfiguração e até de transmutação, tanto do real, como do irreal.

Filomena Vasconcelos pinta e escreve a metamorfose a partir de reminiscências do seu quotidiano, sendo que algumas delas se entrelaçam com versos de poetas e músicos e obras marcantes da literatura universal.

Para lá da forma, todas as formas são possíveis, já que a metamorfose se define num processo de desenvolvimento que não termina nunca. As infinitas abordagens que cada um aporta ao que vê, ouve, lê amplificam a intenção original.

A invenção do quotidiano, que Michel de Certeau analisa, pressupõe que o autor seja, de algum modo, desapropriado da sua obra, uma vez que o enfoque estará muito mais na receção que os destinatários da obra fazem dela.

De certa maneira, os novos significados que cada um encontrará no que Filomena Vasconcelos aqui apresenta são a prova de que, sem que seja desapropriada do que criou, aqueles com quem partilha a sua obra acabam por fazer parte integrante da metamorfose por ela iniciada.

É isto que nesta obra fica expresso.

João Leite

Porto, Julho de 2021

METAMORFOSES

O rosto deste livro é Kafka, desenhado a carvão e caneta na tela branca de *Metamorfose I*. Só o rosto é humano, o resto do corpo é o de um insecto gigantesco. *Metamorfose II* é a versão invertida.

Kafka é um daqueles escritores que nunca deixa ninguém indiferente. Pode gostar-se dele ou não, pode arrepiar-nos, inquietar-nos; pode até aliciar-nos laconicamente a abandoná-lo, como que para o emudecer dentro de nós – como se isso fosse possível – quando ao mesmo tempo insiste em que o revisitemos uma e outra vez. É então que encostamos, ao de leve e a espaços, a nossa vida às vidas solitárias, silenciosas e vacilantes que Kafka vai desfilando diante de nós, à luz crua dos seus romances e cartas. E é sempre a ele próprio que julgamos ver, algo fantasmático e na incerteza fugidia das sombras, em si e num outro, connosco também, reflectidos à exaustão. Em Kafka, face a um poder superior implacável, abstrato e obtuso, os homens são todos fragmentários e indefesos, em paradoxal busca de uma gregaridade impossível e da sua natural solidão.

Aí encontra Agustina o “carácter abissal do medo” que o oprime ao encontrar “fechada a porta da explicação.” (Agustina 2012: 75).¹ Trata-se de um “medo pueril” que assola o mundo quase sem espaço para a inteligência, porque as “pessoas são pueris” e acham que “o sensato é partir, não fazer história, mergulhar no esquecimento.” (*Ibid.*).

No quadro vermelho da mulher que está só e se debruça como que à janela sobre os versos de António Ramos Rosa – “Estar só é estar no íntimo do mundo” – quem sabe não vemos também Kafka diante da sua janela, sob o olhar inquiridor de Agustina. Ambos nos fitam com os olhos vagos de quem foi para além do medo e nos deixou “espaço para interrogar e olhar, frente ao trânsito implacável da rua.” (*Ibid.*).

Ler *A Metamorfose* arrepiou-me. Ler *O Processo* inquietou-me. Em *O Castelo*, onde reencontramos o protagonista de sobrenome K, como que metamorfoseado de *O Processo*, a inquietação ganhou foros de revolta face à injustiça labiríntica que asfixia o homem na estupidez, na alienação e no emperramento das engrenagens. *Metamorfose I* e *II* são imagens estáticas a preto e branco dos que querem partir e apenas ficam, dos que não querem fazer história, mas ficam para sempre presos às histórias ínfimas e sem nome dos insectos, ao bordado caprichoso das suas carapaças ou aos fatos e gravatas uniformizados... ao olhar inesquecível de quem, ao fitar-nos longamente, assim se despede.

I Wanna Know Your Name, inspirado pela música do mesmo nome dos Swedish House Mafia, leva-me até Ovídio das *Metamorfozes*, que representam uma matriz indelével na cultura e literatura ocidentais. São um caso de contiguidade entre todas as figuras ou formas do que existe, antropomórficas ou não, na expressão de Italo Calvino em *Porquê ler os Clássicos?*: “Fauna, flora, reino mineral ou firmamento englobam na sua substância comum o que nós costumamos considerar humano como conjunto de qualidades corpóreas, psicológicas e

¹ *Kafkiana*. Guimarães: Lisboa, 2012.

morais.”(Calvino 1991: 30. No quadro, o rosto representado é antropomórfico, mas não necessariamente humano – combina e funde espécies heterogêneas que fluem naturalmente das cores quentes da selva africana, dóceis apenas ao traço preto intransigente que lhes define as formas. A boca é um pássaro, a um tempo livre e cativo. Os olhos têm a expressão e a luz dos olhos felinos, a observar-nos como presas. Malhas de leopardo tatuam-lhe as faces e há répteis fundidos em folhagens e teias rendadas no lugar dos cabelos. Permanece o enigma do nome, pois não é possível conhecê-lo.

A mesma dinâmica originária da matriz, que semeia as árvores da vida, dita as genealogias e desenrola o filme metamórfico dos seres, surge em *Mater*, a simples carvão desenhado sobre o espaço aberto e em branco do papel. É uma árvore imaginária, primitiva, repleta de animais porventura pré-históricos, aves inventadas, serpentes, uma sereia. Na raiz, um pequeno animal do campo e um corpo desnudado de mulher como que se prolongam e completam pelo tronco e pelos braços de vidas insólitas que formam a copa da árvore.

Em tudo isto me ocorre um livro admirável, *O Livro dos Seres Imaginários*, como, de resto, é admirável toda a obra de Jorge Luís Borges. Fala-nos, por exemplo, do “Basilisco” que, originalmente, significava “pequeno rei” e que, para Plínio, o Velho, na sua *História Natural*, designava “uma serpente que tinha na cabeça uma mancha clara em forma de coroa” (Borges 1989: 33). A Idade Média há de concebê-lo como um galo quadrúpede e coroado, de plumagem amarela, grandes asas espinhadas e cauda de serpente, talvez a razão do nome “cockatrice” dos finais do século XIV, proveniente do francês antigo “cocatris” e do latim medieval “calcatriz”. Também em finais do século XIV, Chaucer alude ao “basilicock”. Refere ainda Borges que, no Renascimento, a *História Natural das Serpentes e Dragões* de Aldrovani apresenta o basilisco com o dobro das patas do seu antecessor medieval e a plumagem do corpo substituída por escamas. A serpente transformara-se em ave, mantendo a cauda do réptil, para mais tarde voltar às origens sáurias.

Mas a razão de aqui trazer o basilisco prende-se com o traço comum à variedade das suas formas: o olhar mortífero. É invulgarmente intenso. Ilumina-o um fogo eterno, como o das estrelas ou dos deuses, porventura também o da alma selvagem dos animais livres. Recordo o olhar luminoso da criatura em *I Wanna Know Your Name* e da mulher em *Cobiça*. Letal e fascinante, como a vertigem do abismo, revela a iminência do fim, numa espécie de alquimia última. Ao longo dos séculos, o olhar que mata do basilisco é representado pelo bestiário ancestral que povoa mitos, seduz religiões e ilustra o imaginário das artes plásticas, das literaturas, do cinema fantástico e da cultura popular, desde a BD às séries de animação e aos vídeo-jogos. Os exemplos são incontáveis e refiro apenas talvez os casos mais conhecidos da literatura como os de Shakespeare, Tolkien ou J. K. Rowling.

Volto a Calvino e às *Metamorfoses*. É um *horror vacui* o que domina o espaço e o tempo das histórias que se seguem em catadupa, num gesto de sempre acrescentar e nunca de tirar, o amontoar de coisas simultaneamente semelhantes e diferentes, de entrar cada vez mais no pormenor e nunca de “se esfumar no vago” (*Ibid.* 34-35). São histórias que se assemelham sem nunca se repetirem, ecos e reflexos de mitos, que no princípio se criam como verdades. À passagem dos tempos e dos lugares, no ar translúcido das memórias, Eco e Narciso perseguem-nos ininterruptamente. Assim vejo *Heteronímia*, *Seven Faces*, *O Beijo*, *Rosto/Otsor* ou ainda *Seven Nation Army* (por inspiração dos White Stripes).

Heteronímia foi o quadro escolhido para o cartaz da exposição. Podia ter sido um dos que compõem o díptico *Metamorfose I e II*. A mesma temática permitiria destacar também *Seven Faces*, *O Beijo* ou *Rosto/Otsor*. Metamorfose e heteronímia completam-se mutuamente, intersectam-se até, são alteridades do mesmo, do eu ou de um ser que eternamente retorna a si e eternamente difere e se vê diferido. O modernismo fascinou-se com a diversidade dos planos, o caleidoscópio dos reflexos e das perspectivas; o surrealismo inventou-lhes o imaginário dos sonhos e dos impossíveis, legitimou espaços para o absurdo e o incongruente; a arte pop, pós-moderna, quis retirar-lhes a parcela de criatividade algo romântica que lhes restava e quem sabe talvez ainda aquela insistente consciência ética que os moldava, para então erguer o estandarte de uma cultura de massas e das técnicas mecânicas da reprodução.

Mas recuando um pouco e, em linha ou porventura em contraponto com a impessoalidade da poética mallarmeana, que para Yeats será um jogo de máscaras e para Eliot uma salvaguarda feliz, Rimbaud abre a modernidade em finais oitocentistas ao proclamar “Je est un autre.” (*Lettre à Paul Demeny*. 15 maio 1871). Pessoa falará assim de um eu todo em pedaços, de uma existência fragmentária e diversa, unida hipoteticamente numa sabedoria universal, como se lê no poema de 1930 “Deixo ao cego e ao surdo”:

*Se as coisas são estilhaços
Do saber do universo,
Seja eu os meus pedaços
Impreciso e diverso.*

É George Steiner quem cita Pessoa no último ensaio de *As Artes do Sentido: “Quatro Poetas”*: “É raro um país e uma língua ganharem num só dia quatro poetas maiores.” E esse dia foi a 8 de março de 1914 (Steiner 2017: 125). Refere-se naturalmente aos heterónimos mais importantes de Pessoa, pessoas imaginárias que lhe povoam um “teatro íntimo do ser” (*Ibid.* 125), e que o poeta, numa carta de 1935, sente irromper como que inesperada e surpreendentemente, “numa espécie de êxtase” indefinível:

“Aparecera em mim o meu mestre. (...) Criei, então, uma *coterie* inexistente. Fiz aquilo tudo em moldes de realidade. Ordenei as influências, conheci as amizades, ouvi, dentro de mim, as discussões e as divergências de critérios, e em tudo isto me parece que fui eu, criador de tudo, o menos que ali houve. Parece que tudo se passou independentemente de mim. E parece que assim ainda se passa”. (*Apud* Steiner 2017: 126).

Aqui reencontramos a imemorial tradição da poesia “ditada”, a mesma que Platão severamente condenava sem conseguir reprimir, bania da cidade ideal e acolhia como sopro divino avassalador dos seres escolhidos e únicos que eram os poetas. É este o sentido da inspiração, de “ser escrito em vez de escrever”, dos artifícios da escrita automática muito antes do surrealismo (Steiner 2017: 127).

Quem sabe não será este também o sentido do amor, o de “amar perdidamente”, sem cessar, metamórfico e heteronímico, como o fogo dos olhos, o voo dos pássaros, a primitiva essência das árvores e das serpentes, os rostos e as máscaras, as mãos e os braços entrelaçados em pétalas, penas, escamas e pérolas...

Sobre o fundo do quadro escuro, Florbela ama perdidamente em letras escritas a ouro e com uma feira de pérolas que lhe descem pelo colo.

Filomena Vasconcelos

Porto, Junho de 2021

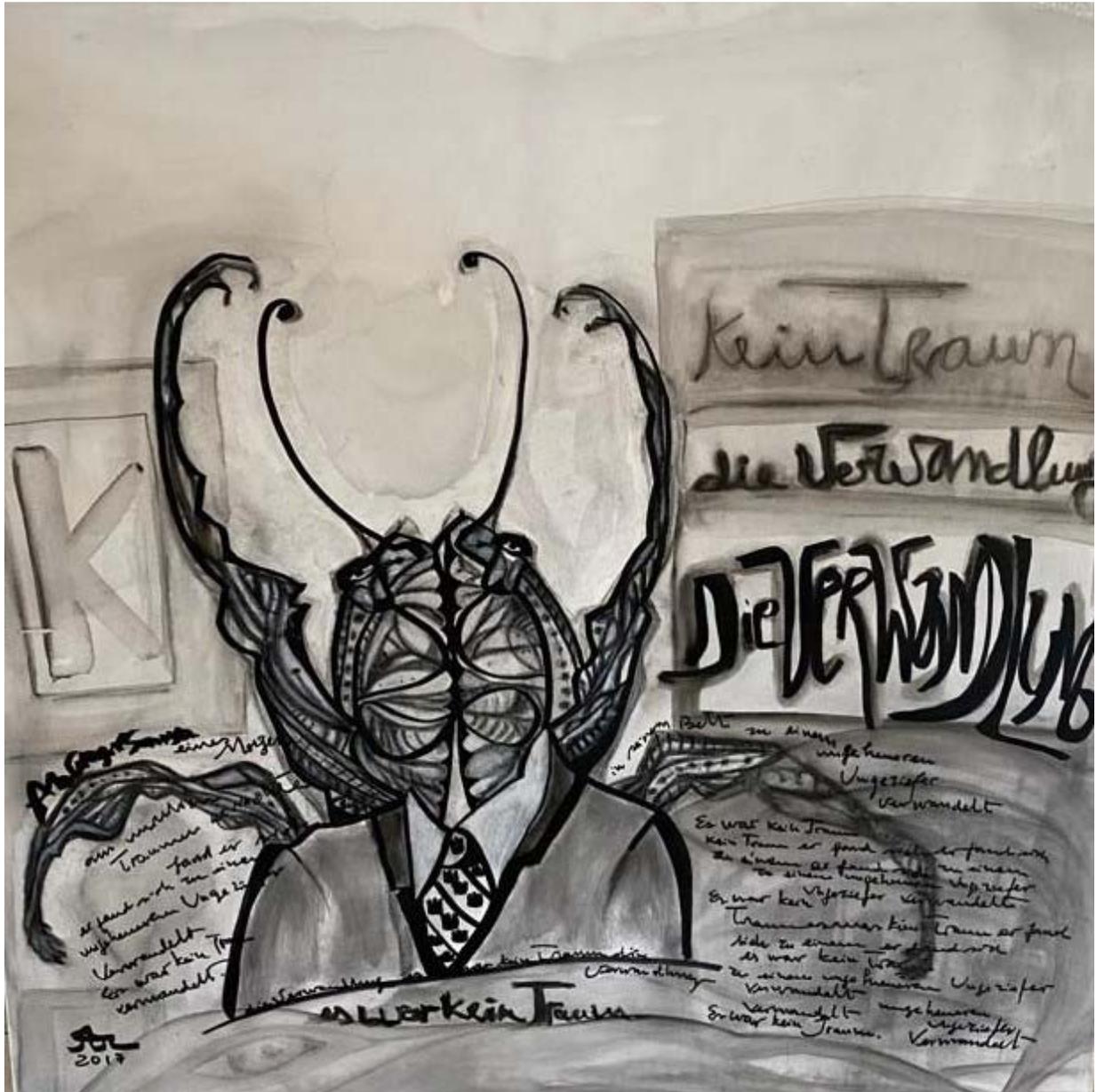
METAMORFOSES

Quadros de Filomena Vasconcelos



Metamorphose I

carvão e caneta s/ tela 100 x 100 cm
2012



Metamorphose II

carvão e caneta s/ tela 100 x 100 cm

2012

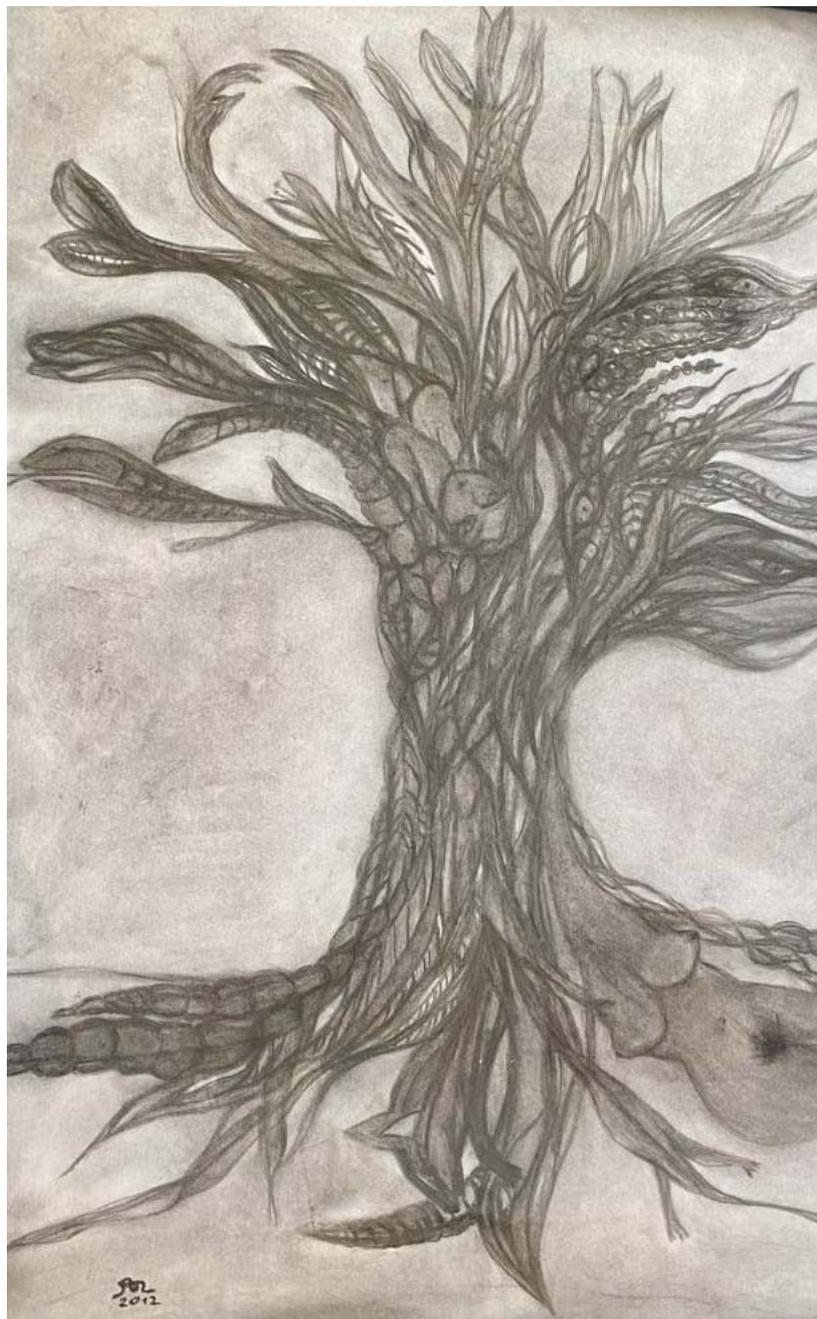


Seven Nation Army

(White Stripes)

caneta s/ papel 50 x70 cm

2011



Mater

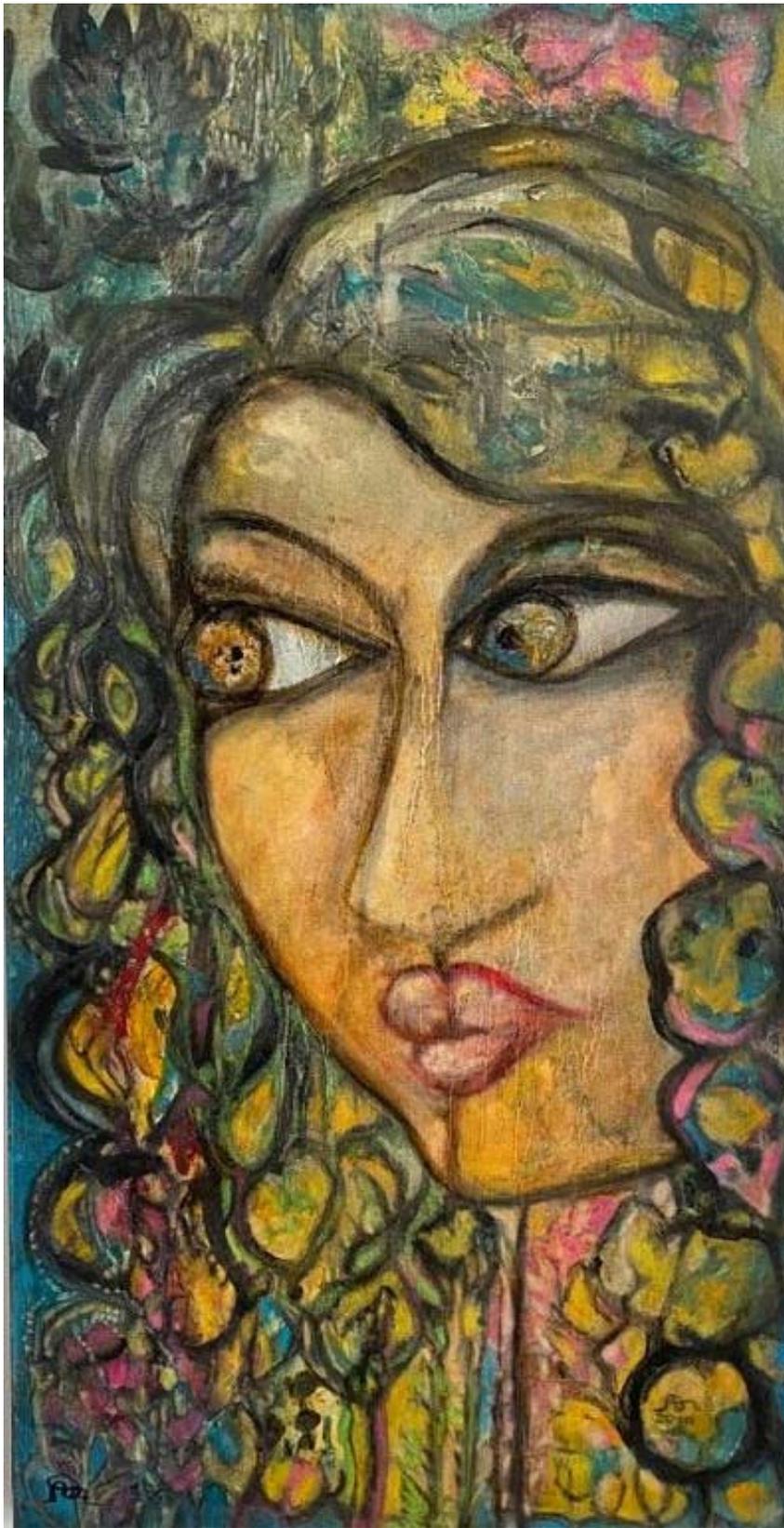
carvão s/ papel 100 x 70 cm

2012



Heteronímia

acrílico s/tela 100 x70 cm
2011



Cobiça

óleo s/ tela 100 x 60 cm

2006

23



I Wanna Know Your Name

(Swedish House Mafia)

acrílico s/ tela 40 x 40 cm

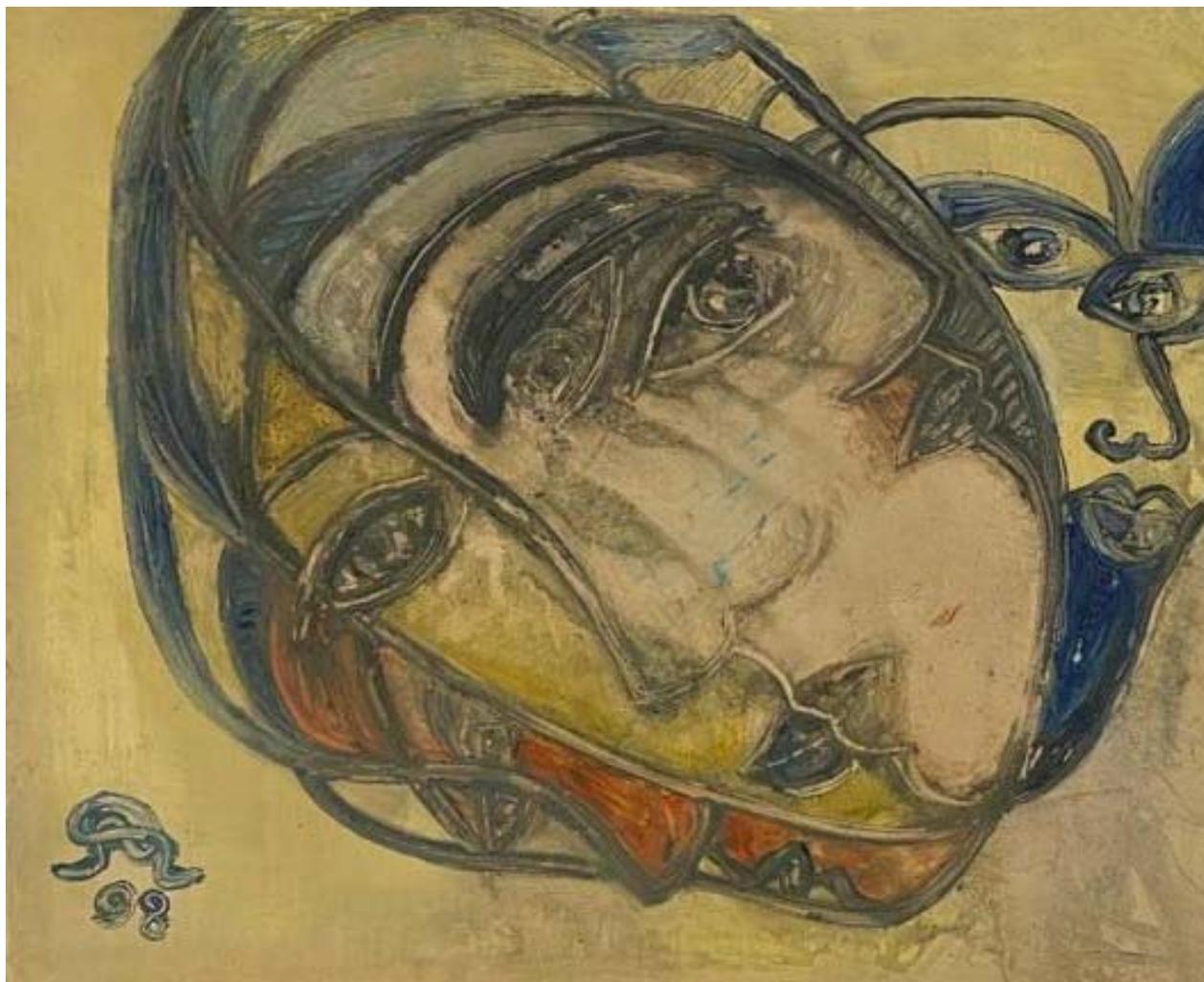
2012



Mulher Vitral

óleo s/ tela 70 x 50 cm

1998



Seven Faces

óleo s/ tela 50 x 60 cm

1998



Rosto/ Otsor

acrílico s/ tela 80 x 80 cm
2017



Florbela

(sobre o soneto de Florbela Espanca "Amar perdidamente")

acrílico s/ tela 40 x 30 cm

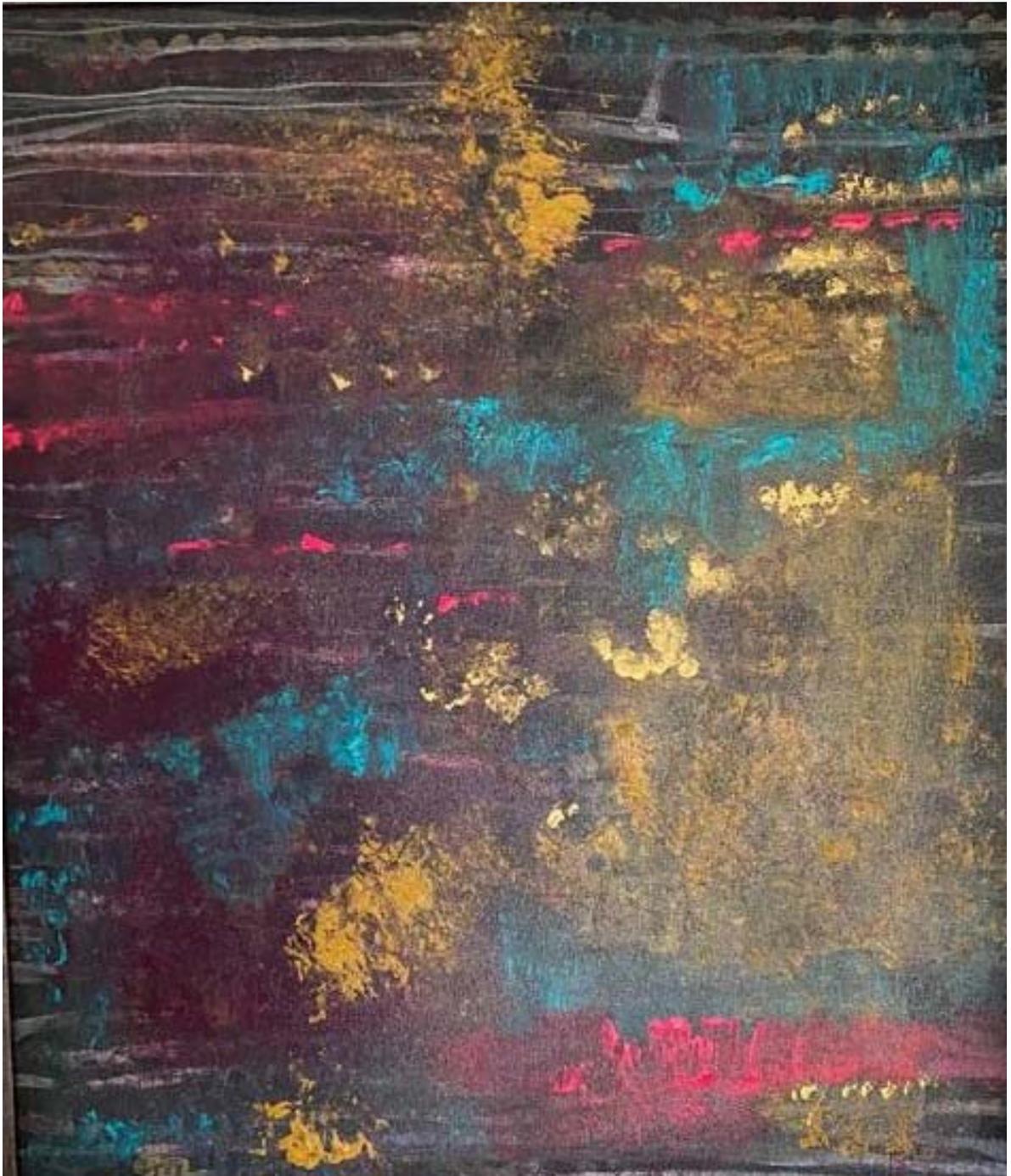
2017



Gossip

óleo s/ tela 18 x 24 cm

1998



Alquimia

acrílico s/ tela 54 x 44 cm

2021



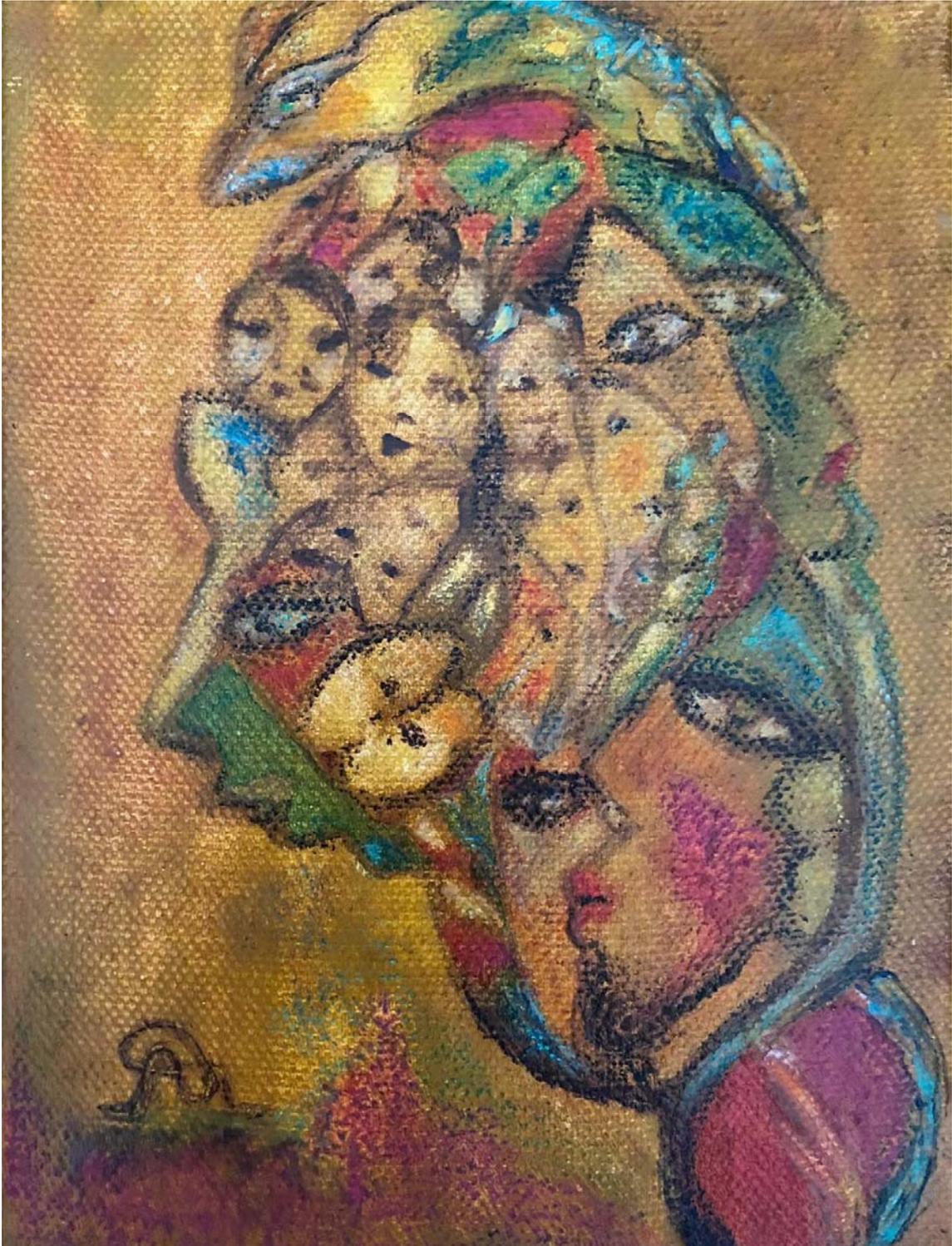
In-Versus

(sobre o poema “Canção” de Eugénio de Andrade)

acrílico s/ tela 18 x 24 cm

2013

41



Crowd

acrílico s/ tela 18 x 24 cm

2013



À Espera

acrílico s/ tela 20 x 20 cm

2018



Japoneira

aguarela 10 x 15 cm

2016

47



O Beijo

acrílico s/ tela 60 x 150 cm

2012



Cup of Flowers

acrílico s/ tela 60 x 60 cm

2016

“METAMORFOSES” – Uma Exposição Meta Formosa!

Os vinte quadros que constituem a Exposição “*Metamorfozes*”, da autoria da Professora Filomena Vasconcelos, docente da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e acolhida pela Junta de Freguesia de Paranhos através da sua Casa da Cultura, mais do que pintura, são um convite à reflexão.

Porventura, falarmos de uma viagem mental e filosófica pelas diversas linguagens em que a Arte se exprime, a Literatura, a Poesia, a Música, entre outras, será a melhor forma de explicar o seu percurso expositivo que, de quadro em quadro, podemos ir apreciando.

Do “*ut pictura poesis*” de Horácio, como a pintura se transforma em poesia, às “*Metamorfozes*” Ovidianas, em que a ficção se confunde com a realidade – talvez nesta Exposição até seja o contrário: a realidade transmitida pelo traço de tinta de Filomena Vasconcelos pode ser-nos apresentada sobre a forma de ficção, alegórica nuns casos, antropomórfica noutros, figurativa ou naturalista em muitos outros – todo o conceito, de *Metamorfose*, está aqui bem visível!

Tão importante, pois, como a qualidade, a criatividade e a originalidade com que a autora nos brinda e que se assumem como a inconfundível marca de coerência do desenho a que a tinta dá vida, é a mera contemplação “transformar-se” em triplo diálogo: conosco, com a Arte e com a Artista! Não será por acaso que as sinapses mentais que se estabelecem, fazem essa ligação com a Música e lembramo-nos dos versos de Raúl Seixas no seu tema “*Metamorfose Ambulante*”:

«Eu quero dizer agora o oposto do que eu disse antes

Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante

Do que ter aquela velha opinião sobre tudo (...).»

Ou com o poema “*Metamorfozes*” de Ana Luísa Amaral:

*«Que a luz penetre
no meu sótão
mental
do espaço curto*

*E as folhas de papel
que embalo docemente
transformem o presunto
em carruagem!»*

Assim, é um privilégio para quem acolhe esta Exposição e para quem tem a possibilidade de a visitar, poder apreciar a pintura (termo claramente redutor...) de Filomena Vasconcelos! Arriscamo-nos a desconstruir a tal «velha opinião sobre tudo» que nos agrilhoa a uma entediante ortodoxia, metamorfoseando-nos na(s) nossa(s) própria(s) contradições e construindo novos caminhos para o pensamento voar, esperando que as folhas de papel em que pintamos a nossa vida, com cores e letras, transformem esse «presunto» do mundo profano, em «carruagem» que nos leve para o lugar da inspiração, ainda que seja numa despensa. Numa formosa despensa...

Pedro Sampaio

Porto, Junho de 2021

UM POUCO SOBRE AS «METAMORFOSES» DE FILOMENA VASCONCELOS OU A ARTE DE PINTAR A LITERATURA OU LER A PINTURA

Coube-me a honra de apresentar a exposição de pintura de Filomena Vasconcelos intitulada 'Metamorfoses' a decorrer na Casa da Cultura da Junta de Freguesia de Paranhos. As palavras que aqui vou proferir, e que têm como missão essencial falar de Filomena Vasconcelos e da sua produção artística, nunca serão suficientes para transmitir, fruto do privilégio de caminhos profissionais que cruzamos, o que sei e sinto sobre a sua capacidade artística, a sua visão muito própria, colorida e musical do mundo, da vida e das formas.

Filomena Vasconcelos é natural do Porto e professora de Literatura Inglesa e Teoria da Literatura na Faculdade de Letras do Porto. As suas áreas de investigação são múltiplas, dirigidas para a história do pensamento, a linguagem, a poética e a tradução literária onde a sua capacidade viaja fácil e livremente pelas obras de William Shakespeare ou por contos infantis de linguagem leve e colorida. Enumerar a riqueza da sua produção científica seria tão difícil quanto pintar para lá das telas que nos apresenta e suas metamorfoses.

Assim mesmo, não posso deixar de referir que, no conjunto de privilégios que retiro do convívio com Filomena Vasconcelos, estão o facto de a ter visto ilustrar as versões finais de trabalhos de estudante, de aqui e ali a ver riscar sobre o mundo num canto de uma folha, em momentos que lhe eram com toda a certeza especiais e que iria depois metamorfosear na tela.

Não há fronteiras nem regras na produção artística. As artes cruzam-se e dialogam fora do tempo e do espaço e a pintura de Filomena Vasconcelos é prova viva disto mesmo. Aqui e ali, não é só a cor ou a musicalidade das formas que ela nos apresenta. É também a convocação permanente da literatura, da palavra poética que parece querer escapar da tela e que, ao fazê-lo está também a encontrar outra liberdade e a entrar em metamorfose.

Temos pois nesta exposição a percepção clara da riqueza cultural e artística de Filomena Vasconcelos que, sem nunca abandonar a poesia ou a pintura, as entrelaça numa leitura aberta em «eixos oscilantes», expressão que ela própria refere na sua obra «Considerações Incertas», escrita em homenagem simbólica a Einstein e ao seu revolucionário estudo sobre a relatividade restrita de 1905 e a «Uncertainty Paper» de Heisenberg, 1927.

É mesmo assim a visão que Filomena Vasconcelos nos transmite através da sua obra, aqui aparentemente circunscrita à pintura, mas sempre captando o eixo oscilante da vida, da inocência e musicalidade da cor ou da palavra poética. É tudo isto que ela nos apresenta em metamorfose e é por tudo isto que sou levada a terminar com uma conhecida citação de Churchill proferida no momento em que, durante a Segunda Guerra foi confrontado com a necessidade de cortar nos fundos financeiros de apoio à

cultura e com a qual abri e terminei a minha intervenção aquando da inauguração deste evento: «*Then, what would we be fighting for?*»

Convido, pois, à visita a esta exposição de pintura de Filomena Vasconcelos, «Metamorfoses», metamorfoses de literatura na pintura, da forma da letra na forma inocente e viva da cor porque, como disse alguém que um dia atrás no tempo ambas conhecemos: «A arte diz aquilo que é dito»

Obrigada, Filomena Vasconcelos.

Maria João Pires

Porto, Junho de 2021

“I’M NOBODY! WHO ARE YOU?”

*I'm Nobody! Who are you?
Are you – Nobody – too?
Then there's a pair of us!
Don't tell! they'd advertise – you know!*

(Emily Dickinson, 1861)

Dentro da informalidade que nos junta aqui, cabem formas imensas de olhar e sentir. Tantas quantas o nosso percurso, pensado ou improvisado, nos proporcionar.

Não seremos os mesmos que aqui entraram, quando deixarmos este espaço.

O que acontece com as células que nos constituem, por via do que a microbiologia celular, a citologia e a tecnologia nos revelam, faz de nós seres em constante mutação. Nem chegamos a aperceber-nos disso; todavia é essa dinâmica que nos mantém vivos. Assim é dentro de nós, a cada momento que passa. Quem diria?

Quem diria que as infinitas metamorfoses que a nossa imaginação concebe e apresenta provêm de uma realidade de carácter salvífico? Quem é que pensa nisto?

Talvez o tenha pensado Sebastião da Gama: “*Chegamos? Não chegamos? – Partimos. Vamos. Somos.*” E se o não fizermos, o que é que acontecerá?

Prefiro acreditar em Keats: “*Beauty is truth, truth beauty, - that is all ye know on earth, and all ye need to know.*”

O que queria, agora, fazer, antes de prosseguir, é algo pensado e enraizado em mim – queria agradecer à Filomena, como Sophia agradeceu às flores, ter guardado em si “aquela promessa antiga duma manhã futura”.

Na verdade, a promessa tem sido cumprida, diante de nós, porque o presente da Filomena, carregado de passado – porque nele assenta o presente – é sempre futuro. É e continuará a ser. Isto acontece a quem percebe muito de entrega e generosidade, sendo que aqui se assumem como partilha.

O que cada um destes quadros me sugere posso tentar revelá-lo. Mas tenho a certeza de que o que vejo e sinto hoje não será o que terei em mim amanhã, tal é a força das inconscientes metamorfoses em nós entranhadas, mesmo para além de tudo o que Ovídio predisse.

MATER



Na origem do Universo está algo que, dizem os entendidos, foi Big e fez Bang. Na origem da Vida está uma qualquer transformação que jamais apreenderemos, porque nos ultrapassa.

Houve um princípio, sim, mas o que é que o despoletou? Algo terá que ter sido. Algo para além de tudo.

Aquilo que aos nossos olhos tem a forma de uma interrogação, aqui tem nome, consistência e sentido: Mater. Para a Filomena é uma árvore em constante reinvenção, para já a preto e branco. A cor virá mais tarde, porque é isso que o mundo pede. Pede e dá...

JAPONEIRA



É o que claramente se percebe ser a resposta da qual a pequena japoneira, ali, carregada de camélias cor de vida, faz parte. Sendo árvore que floresce na estação fria, enche de beleza os jardins da cidade, agora mais despídos.

A cidade é o espaço onde coexiste o que é perene e o que não pode deixar de ser caduco. Exactamente como as folhas das árvores.

Por isso é tão importante fixar o momento da plenitude, para que nunca seja esquecido e permaneça como sinal de Esperança.

IN-VERSUS



CANÇÃO

Tinha um cravo no meu balcão:

*veio um rapaz e pediu-mo
– mãe, dou-lho ou não?*

*Sentada, bordava um lenço de mão:
veio um rapaz e pediu-mo
– mãe, dou-lho ou não?*

*Dei um cravo e dei um lenço,
só não dei o coração:
mas se o rapaz mo pedir
– mãe, dou-lho ou não?*

Eugénio de Andrade

O poeta hesita em dar o coração, mas a Filomena não, porque o encontramos aqui bordado num lenço de mão. Melhor dizendo, em 20 lenços que bordou como quem pinta.

É tudo a mesma coisa: escrever, bordar, pintar... Tudo é metamorfose.

A tocante beleza deste avatar que se alimenta de poesia é um exemplo fascinante. Tem muito de onírico. E de eterno.

COBIÇA



Se é ou não alimento cobiçado, não vou entrar aqui em divagações, com certeza abusivas da minha parte, até porque, apesar do sentido pejorativo que normalmente se atribui ao termo, a cobiça pode não passar de um simples anseio.

Embora as boas intenções à sua volta possam dar-lhe que pensar, esta menina-mulher não deixa de ter em si esse desejo tão humano, por isso, também, tão idealmente poético. Falo do desejo de ter em si a Felicidade.

Ansiar a Saúde, o Amor e a Paz, os dons maiores, é ansiar ser feliz. A Felicidade é um estado de alma que não é palpável, que não tem forma. Sendo certo que os três dons são visíveis, mesmo à distância, é profundamente intrigante esta relação com a Felicidade. Mas algo é capaz de conter em si pelo menos parte dessa revelação: a metamorfose.

Quanto mais genuíno for esse tal estado de alma, mais efectivamente pode ser partilhado. Não há Felicidade sem partilha.

ESTAR SÓ É ESTAR NO ÍNTIMO DO MUNDO



ESTAR SÓ É ESTAR NO ÍNTIMO DO MUNDO

*Por vezes cada objecto se ilumina
do que no passar é pausa íntima
entre sons minuciosos que inclinam
a atenção para uma cavidade mínima
E estar assim tão breve e tão profundo
como no silêncio de uma planta
é estar no fundo do tempo ou no seu ápice
ou na alvura de um sono que nos dá
a cintilante substância do sítio
O mundo inteiro assim cabe num limbo
e é como um eco límpido e uma folha de sombra
que no vagar ondeia entre minúsculas luzes
E é astro imediato de um lúcido sono
fluvial e um núbil eclipse
em que estar só é estar no íntimo do mundo*

António Ramos Rosa

Mas, para que essa partilha seja despojada de artifícios escusados, há que primeiro estar só; estar só no íntimo do mundo.

Entre alegrias e tristezas infinitas, alcançar o silêncio que existe, no fundo do tempo ou no seu ápice, é a condição das condições. A Filomena escolheu Ramos Rosa. Não foi por acaso que, depois, se deixou ficar sob esse silêncio, indagando...

Tanto o nascer como o pôr do sol são sinfonias que vemos sem ouvir, do mesmo modo que ouvimos sem ver. Mas só depois de aprendermos o que é o silêncio.

FLORBELA



AMAR!

Eu quero amar, amar perdidamente!

Amar só por amar: Aqui... além...

Mais Este e Aquele, o Outro e toda a gente...

Amar! Amar! E não amar ninguém!

Recordar? Esquecer? Indiferente!...

Prender ou desprender? É mal? É bem?

Quem disser que se pode amar alguém

Durante a vida inteira é porque mente!

Há uma Primavera em cada vida:

É preciso cantá-la assim florida,

Pois se Deus nos deu voz, foi pra cantar!

E se um dia hei-de ser pó, cinza e nada

Que seja a minha noite uma alvorada,

Que me saiba perder... pra me encontrar...

Florbela Espanca

Tenho para mim que ninguém se perde, se amar de verdade. Não pode é amar sem se amar primeiro.

É em si próprio que cada um tem de construir o equilíbrio que permite a plenitude do amor. As palavras não bastam, por mais arrebatadoras que possam ser.

Creio que Florbela não esteve atenta ao que a Filomena lhe quis dizer. Escutou pouco. Mas isso foi noutra tempo. Hoje, escutamos nós.

HETERONÍMIA



Os modos de ser e de estar, tanto no nosso íntimo, como na eterna ambivalência instalada entre nós, são incomensuráveis.

É facto que cada um pode ser identificado pelo nome com que foi registado, mas quem é que nos garante que, se quiser, não muda de nome conforme a sua percepção do mundo? Todos nos vamos fragmentando mais, ou menos, a diferentes horas do nosso viver, simplesmente porque desigual é o oposto de diferente.

Todos os eus cabem dentro de nós, contidos ou esfuziantes. Um simples braço, fino e comprido a terminar numa mão de dedos esguios poderá ser determinante para o desfecho de um enredo. Só porque alguém o estica na formulação de um abraço, toda a trama pode mudar.

Há sempre quem, por saber muito da Vida, muito, mesmo, estende a mão...

GOSSIP



Se assim não fosse, a vulnerabilidade dessa fragmentação seria insustentável. O “gossip”, como a Filomena lhe chama, encarregar-se-ia de dispersar, inexoravelmente, a harmonia heteronímica.

Todos sabemos que o bom nome uma vez vilipendiado, dificilmente se desfaz da agressão. A não ser que na aldeia em que todos vivemos, embora pensemos que não, alguém se insurja e se manifeste.

Qual destas sete criaturas o fará? Talvez a que parece mais nova e frágil se aventure. As aparências iludem. Oxalá não desista...

I WANNA KNOW YOUR NAME



Para já, resolveu afastar-se do grupo. A Filomena diz-lhe “I wanna know your name”, mas há que esperar. Muita coisa está em jogo e é preciso delinear estratégias de sobrevivência.

O que ouviu não foi esquecido – ocupa uma parte do seu cérebro e vem de tempos imemoriais. A outra parte permanece atenta, estudando o melhor processo de tomar posse de uma herança cuja origem desconhece.

Lentamente, as formigas que lhe sobem pela fronte acima hão-de transformar-se em borboletas, e o pássaro que tem na alma cantará como cantava na sua infância.

O grupo Swedish House Mafia, composto por 3 DJs suecos existe desde 2008. One (Your Name) faz parte do primeiro single que é lançado em 2010. Daqui surge o título que a Filomena escolheu para este quadro.

CROWD



Uma multidão é como um catalisador, tanto do bem, como do mal.

A única figura que nos encara de frente, sem reservas, é a de uma menina, uma criança, na verdade, que um dia vai saber agarrar, como poucos, as cores do mundo.

Então, todos nós perceberemos melhor que o facto de uma parte dos homens virar as costas à outra parte não significa que esta o queira fazer também.

As palavras e os números são igualmente importantes. Fundem-se e podem coexistir em harmonia. Mesmo em desentendimento, é impossível que se anulem entre si.

O pássaro-guardião, lá em cima, tem pensado muito nisto. Neste momento está a estudar o terreno. Um dia destes voará nalgum sentido. Qual? Só a Filomena o saberá.

MULHER VITRAL



O tempo das Catedrais não tem forçosamente que ser limitado por balizas cronológicas. Associamo-lo sobretudo ao Gótico e aos homens que quiseram ficar mais perto do Céu, em glória ao Altíssimo.

Porém, continuamos a erigir catedrais, nem que apenas o façamos dentro de nós. Nestas catedrais, multiplicam-se os vitrais de matriz religiosa, resultantes da arte e da mestria de quem é capaz de transformar simples pedaços de vidro colorido em representações arrebatadoras.

Num vitral é possível vislumbrar detalhes fascinantes: minúsculos pedaços de vidro, entre outros de enormíssimas dimensões, aparecem, aqui e ali, como se, afinal, fossem o reflexo dos pequenos sinais do nosso quotidiano que tendemos a ignorar. Porquê? Talvez porque vivemos depressa demais...

Já que Maio é o mês de Maria, eu aqui vejo-a plena de luz e serenidade, como quem aceita a Vida e a transforma num Hino. Mas se, afinal, vier a saber que se trata de um auto-retrato da Filomena, é isso que verei nele.

SEVEN FACES



Ocorre-me associar os sete rostos que aqui estão aos sete dons do Espírito Santo.

Identificar estes rostos não é coisa que se consiga fazer de imediato, dada a deliberada sobreposição entre eles.

Já há muito percebi que a Filomena gosta do número 7. Não sei é porquê. Sei é que na Bíblia lhe é conferido um significado especial. Os sete dias da Criação (o sétimo foi já de descanso – de bem merecido descanso, digo eu...) são um bom exemplo.

Mateus relata, no seu Evangelho, o que Jesus disse a Pedro, quando este lhe perguntou quantas vezes deveria perdoar a quem lhe tivesse feito mal. Até sete vezes?

“Respondeu-lhe Jesus: Não te digo que até sete vezes, mas que até setenta vezes sete vezes” (Mt. 18: 22)

Valendo-nos dos sete dons do Espírito Santo, torna-se isto menos difícil. São eles a Inteligência, a Sabedoria, a que também se pode chamar Discernimento, o Conhecimento, que é Ciência, a Sensatez, que significa Serenidade, o Respeito, a Compaixão e a Força.

Passar da reflexão à acção necessita da convivência destes dons. Só é preciso estar atento e perceber que o sentido da Criação é um só.

O BEIJO



Um beijo nunca é apenas um beijo. É mais um sinal de aproximação, que depois se pode transformar no que o destino tiver definido, com a convivência do nosso querer, sendo que o contrário pode, se calhar, ser também possível.

Aquele duende garrido, ali em baixo, ri-se de quem? Do destino, com certeza. Acabou de lhe pregar uma partida: o beijo traiu o beijo.

De repente, tudo começa a esfumar-se, e o destino, afinal, já não se define assim tão nítido como eventualmente seria. Todo o sentimento se metamorfoseou...

SEVEN NATION ARMY



Ora aqui temos a Paz à espreita do melhor momento para escapar do conflito e se organizar para acabar com ele.

De olhos bem abertos, lá em cima, do lado direito, estende a mão e diz “Basta!” Vai emergir da confusão de cabeça levantada, pelo lado oposto, tendo atravessado a tormenta.

“Every single one’s got a story to tell”. A vontade indómita da Filomena, que se impõe a qualquer guerra, tem o valor da Verdade. É a Verdade que, por si só, acaba por restabelecer o sentido da Vida.

The White Stripes existiram como banda-duo, em Michigan, entre 1997 e 2011, mas eis que sobem hoje, de novo, ao palco para tocarem “Seven Nation Army”, que compuseram em 2003.

CUP OF FLOWERS



Ser-lhes-ão entregues as flores da praxe, quando chegar o momento.

Para já, o ramo descansa numa chávena, porque é um lugar como outro qualquer. O fundamental é que se conservem viçosas por mais algum tempo. E que, entretanto, não desapareçam.

Hoje em dia há uma infindável quantidade de infusões feitas de flores. Não percebo nada do assunto, mas as ervanárias já chegam, nalguns casos, a confundir-se com as lojas de flores. E não se trata apenas de um simples processo de metamorfose. Acreditem!

Seja como for, nunca se diz que não a um chá ou a uma tisana.

ROSTO / OTSOR



Seria bom que aquela rapariga ali deixasse de mirar fixamente a asa da chávena. Mas que coisa!

É certo que ninguém lhe foi buscar papoilas para o ramo. Ela estava a contar com isso. Tinha o prado cheio delas e ligara sete vezes à florista a dizer-lhe que a partir das sete da manhã do dia seguinte poderia aparecer. Foi o mesmo que nada...

Apesar disso, ela continua de indicador levantado, como quem diz “Estou aqui! Por favor não se esqueçam daqueles que morreram por nós, pela liberdade e pela paz”.

É o que as papoilas significam. Remember...

METAMORFOSE I e METAMORFOSE II



Há sempre um depois que se aloja na memória.

Neste depois, temos Gregor, um conhecido nosso com mais de um século de histórias. É impossível ignorá-lo.

O Gregor que põe em causa o sistema em que vive e provoca a ruptura com a ordem estabelecida é o Gregor insecto, que será mais verdadeiro do que o ser humano útil, cumpridor, fiável, previsível e bem apessoado que, *malgré lui*, entretanto, desaparece.

Não sei que chances teria de sobreviver, se vivesse naquele sinistro castelo perto de casa dele, onde K., um seu antigo colega de escola, nunca conseguiu chegar a entrar, ou se teria aguentado passar por um processo tão absurdo como aquele em que se viu envolvido o seu amigo Josef.

Quem ia saber, com certeza, era Kafka, mas o que confidenciou à Filomena escapa-nos.

Todavia, Gregor, K. e Josef, vivendo numa claustrofobia distópica, ultrapassam-na, na medida em que o seu grito comum chegou até nós. Gregor é o porta-voz. E não digo isto só para rimar. Garanto-lhes que estou a ouvi-lo.

À ESPERA



Aquela rapariga ali, que é nem mais, nem menos do que a irmã mais velha de Gregor, que muito cedo saiu de casa, e que a Filomena descobriu, aqui há tempos, num lugar onde se desconfinava o ensimesmamento com mais à vontade – estou a falar de uma certa esplanada à beira rio, é bem capaz de ter mais informações sobre o irmão. Ou então não...

O seu olhar revela uma atitude benevolente, expectante na sua placidez. Chama-se F. e acredita que Gregor não teve de morrer. Praticamente não o conhece, porque tem andado pelo mundo, a aprender o que pode sobre paciência e tolerância.

Sabe que nunca aprenderá o suficiente, mas uma coisa já ela percebeu: nenhuma vida pode ser controlada; ninguém tem esse poder, precisamente porque não é dono dela e todas as metamorfoses são possíveis, por mais impossível que pareça.

F. está prestes a voltar ao cais onde atracou. Baniu do seu vocabulário a palavra inevitabilidade. Confia na Vida!

ALQUIMIA



Graças a um processo alquímico, F. não envelhecerá, porque é capaz de para o Tempo.

O Tempo, que é dom sem medida, todavia mensurável, não se define. Obedecendo como que a uma lei invisível, embora palpável, as questões que nunca foram respondidas continuarão sem resposta.

É vital que não encontremos respostas, porque a Criação e o Tempo comungam do mesmo Mistério. Quando se atravessa o Reino da Sabedoria, partindo das Montanhas da Ignorância em direcção ao Mar do Conhecimento, é natural que se passe por terras que nem sequer existem no mapa.

Se nelas habitarem bruxas boas e fadas más, se calhar alguém por ali percebe de metamorfoses. Se não percebe, então não é senão um verdadeiro espírito de contradição. Há que procurar um alquimista. Um daqueles seres que conseguem conferir à Vida todas as cores do Universo e arredores, entre “Considerações Incertas”.

“Uma palavra final: para a alquimia, a Arte suprema na procura do Ouro essencial, da Pedra Filosofal, precursora da química, da farmacologia e da medicina, limiar do

conhecimento lógico-formal da ciência, os signos, letras ou números, são ideogramas e [...] são também “caracteres” da “mathesis” universal”.

Acabei, naturalmente, de citar a Filomena. (“Considerações Incertas”. Porto: Campo das Letras, 2008, p. 93/94)

Isabel Pereira Leite

Porto, Junho de 2021

SOB O SIGNO DE PROTEU

O tema da metamorfose é talvez o mais antigo da história da arte. O que fascina, na arte mas também na ciência, é sempre o espanto da transformação. A mão delineada a sangue numa gruta rupestre é, desde há milhares de anos, uma estrela, ainda que só o caçador que a pintou o tivesse visto. Ele morreu há muito mas o vazio da sua mão permanece visível. A mão tornou-se pintura do ausente e o sangue tornou-se tinta. Por causa disso escreveu Ovídio, nas primeiras linhas das *Metamorfoses*: “É meu único propósito escrever sobre os corpos que foram transformados na sua aparência”.

As metamorfoses são o sinal mais certo da vida. Da matéria informe teria nascido o fogo, o ar, a terra e a água. E libertos estes elementos, “mais frios ou quentes, mais húmidos ou secos, flexíveis ou rígidos, leves ou pesados”, ela deu forma a todos os objetos e seres que conhecemos, “dando a cada um deles um tempo e um lugar diferentes, ainda que unidos por harmoniosos laços”.

[O que gosto na pintura de Filomena Vasconcelos é esta naturalidade da metamorfose: nada a obriga a pintar que não seja ainda o impulso do caçador que deixou a sua marca vazia na parede da caverna. Move-a ainda o mesmo espanto da mudança. Há nos quadros de Filomena Vasconcelos uma definição da forma que é feita pelo espaço interior da linha (uma contraposição por vezes extrema do branco, das cores quentes e frias, de água viva e folhas secas) e pela fundição dos tempos (as folhas são flores e têm frutos as flores).]

Não se trata talvez da metamorfose, mas de uma estrada de Damasco que a revela. O primeiro livro de Pascoaes, *Embriões* (1895) – editado quando o poeta tinha 16 anos e depois renegado talvez só por causa de uma crítica severa de Guerra Junqueiro – tinha já o que importa: esse espanto perante o que muda de forma. Dirá depois Pascoaes, em *Verbo Escuro*: “Dezassete anos! Época tumultuosa em que deixamos a infância, o áureo ciclo. [...] Nesta idade, o coração devora fantasmas de beleza. Nem há nada que chegue aos nossos olhos na sua exclusiva e própria forma. O nosso espírito, em pleno poder criador, tudo refaz e transfigura, dando a tudo a carne e o sangue do seu corpo”. Lembra o caçador...

Sophia de Mello Breyner, adolescente ainda, preparou uma entrada teatral no solar do vetusto Pascoaes, em Amarante: montada num cavalo, levava com ela somente um *chaperon* e as *Metamorfoses* de Ovídio. Sophia, que editara também aos 16 anos o seu primeiro livro de poesia (nunca renegado talvez só por causa de uma crítica benevolente de Pascoaes), vem-lhe talvez agradecer coisas antigas, e a certeza de não viver sozinha com elas. Em 1944, Sophia tinha aberto esse seu primeiro livro com os versos: “Apesar das ruínas e da morte,/ onde sempre acabou cada ilusão,/ A força dos meus sonhos é tão forte,/ que de tudo renasce a exaltação/ e nunca as minhas mãos ficam vazias”...

[O que gosto na pintura de Filomena Vasconcelos é esta artificialidade da metamorfose: tudo a obriga a pintar, porque o espanto com que se observa a mudança é uma dívida a retribuir e um testemunho a passar. Há nos olhos das personagens por ela retratadas um diálogo com a história da Arte: neles se pode ler, sincreticamente, a lição dos hieróglifos egípcios, dos ícones bizantinos, dos vitrais góticos, das *demoiselles* de Picasso, dos noivos de Chagall ou dos ovos de Dali.]

Tudo é metamorfose, raiz de todas as histórias. O próprio monomito da Viagem – o ciclo heroico que, segundo o antropólogo Joseph Campbell, enforma todos os mitos – é uma variante humanizada da Metamorfose. Toda a Viagem digna do nome exige uma metamorfose do humano. Nunca se pode chamar “viagem” ao encontro com o que somos, à deslocação de um corpo igual à chegada e à partida.

A única viagem possível é aquela de que fala Agustina Bessa-Luís, na *Embaixada a Calígula*. Remete estranhamente ainda para os versos de Sophia. Ambas nos descrevem a viagem rara, a dos tempos em que todos são viajados: “Mas a viagem [...] com as suas alegrias que nascem inexplicavelmente dum golpe de vento na poeira sobre uma ponte, duma sensação de vida isolada e profunda quando atravessamos uma terra estrangeira – ah, essa viagem poucos a podem experimentar!”

[O que gosto na pintura de Filomena Vasconcelos é esta liberdade da metamorfose: todas as artes são uma única arte, a arte de sentir. Com naturalidade a Pintura se junta à Literatura. Há não raro nos quadros de Filomena Vasconcelos um conjunto de citações literárias, e evocam as metamorfoses, ou interpretações, da leitura de Sophia, Agustina, Ramos Rosa, Florbela Espanca, Shakespeare, Blake ou Kafka. A linha das letras confunde-

se com o traço do pincel. No vazio aparecem pássaros. Escondidos entre a folhagem dos cabelos, só pelo chilreio se suspeitam.]

Na viagem não interessa onde se vai, mas como se vai (ou como se vê). Por isso a viagem pode ocorrer do outro lado do mundo ou à roda do quarto. Ocorre porque observamos um azul índico numa poça de água, ou uma lagarta que arrasta ainda a seda do casulo quando voa.

Essa memória da mutação é saudável: é uma proteína, palavra que deriva de Proteu, o deus da metamorfose, o seu poder de ser outra coisa e nada morrer. O livro de Ovídio é também uma homenagem a *De Rerum Natura*, de Lucrecio: na natureza das coisas tudo seria feito da transformação (da água, do céu, da terra e do fogo). Mas Ovídio psicologiza Lucrecio. Não se trata somente de um processo químico, mas alquímico, aplicável ao material e imaterial: em ambos “nada nasce do nada”.

[O que gosto na pintura de Filomena Vasconcelos é esta inteireza da metamorfose: o traço é fluido mas uno. Se ser inteiro é nada excluir ou exagerar, devemos admirar nestes quadros a inteireza que vai do pássaro à serpente. Estão “unidos por harmoniosos laços”, compreendidos numa gradação, mais ou menos violenta. Talvez porque não há mal, ou bem, que não flua para o seu contrário – fórmula inventada talvez para nos salvar de tudo o que não quer mudar.]

Maria Luísa Malato

Porto, Junho de 2021



INAUGURAÇÃO DIA 29, SÁBADO, ÀS 16h00

29 MAIO
a 11 JUNHO
ENTRADA LIVRE

Metamorfoses

Exposição de Pintura de Filomena Vasconcelos

Como a segurança e o bem estar são fundamentais para nós, esta iniciativa decorrerá ao abrigo das orientações da DGS, cumprindo todas as normas de segurança e proteção.
Uso obrigatório de máscara.

CASA DA CULTURA DE PARANHOS
Largo do Campo Lindo, 7 - 4200-142 Porto
225 507 676 | casadacultura@jfparanhos.pt

SIGA-NOS EM:
f @JFParanhos | i @freguesia.paranhos

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

BIBLIOTECA DIGITAL

2021